



O PAPEL DAS PEQUENAS CIDADES NA CONSTRUÇÃO DA EUROPA MEDIEVAL

**Adelaide Millán da Costa
Amélia Aguiar Andrade
Catarina Tente, eds.**



O PAPEL DAS PEQUENAS
CIDADES NA CONSTRUÇÃO
DA EUROPA MEDIEVAL

IEM – Instituto de Estudos Medievais

Coleção ESTUDOS 17

O PAPEL DAS PEQUENAS
CIDADES NA CONSTRUÇÃO
DA EUROPA MEDIEVAL

ADELAIDE MILLÁN DA COSTA
AMÉLIA AGUIAR ANDRADE
CATARINA TENTE
Editores

Textos seleccionados das I Jornadas Internacionais de Idade Média “O papel das pequenas cidades na construção da Europa Medieval” (Castelo de Vide, 6 a 8 de Outubro de 2016).

Os autores portugueses optaram por não seguir o acordo ortográfico em vigor.

Arbitragem Científica:

Antonio Collantes de Terán (Universidade de Sevilha)

Antonio Malpica Cuello (Universidade de Granada)

Beatriz Arizaga Bolumburu (Universidade de Cantábria-Santander)

Denis Menjot (Universidade Lyon 2)

Iria Gonçalves (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel del Val Valdivieso (Universidade de Valladolid)

Jean-Luc Fray (Université Clermont Auvergne)

João Luís Inglês Fontes (Universidade Nova de Lisboa/Universidade Católica Portuguesa)

José Avelino Gutiérrez González (Univesidade de Oviedo)

María Asenjo González (Universidade Complutense de Madrid)

Maria Helena da Cruz Coelho (Universidade de Coimbra)

Michel Bochaca (Universidade de La Rochelle)

O Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH) é financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Publicação financiada por Fundos Nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Projecto UID/HIS/00749/2013.

| | |
|-------------------------------------|---|
| Título | O papel das pequenas cidades na construção da Europa medieval |
| Editores | Adelaide Millán da Costa, Amélia Aguiar Andrade, Catarina Tente |
| Edição | IEM – Instituto de Estudos Medievais / Câmara Municipal de Castelo de Vide |
| Referência da imagem da capa | “Vista geral de Castelo de Vide” (pormenor) © Armando Frazão www.armandofrazaao.com Dreamstime.com |
| Colecção | Estudos 17 |
| ISBN | 978-989-99567-7-3 (IEM) 978-972-9040-14-6 (C. M. de Castelo de Vide) |
| Paginação e execução | Ricardo Naito / IEM – Instituto de Estudos Medievais, com base no design de Ana Pacheco |
| Depósito legal | 431460/17 |
| Impressão | Palma Artes Gráficas, Lda. |

Índice

| | |
|---|------------|
| Nota de abertura | 11 |
| <i>António Pita</i> | |
| Apresentação | 13 |
| <i>Adelaide Millán da Costa, Amélia Aguiar Andrade, Catarina Tente</i> | |
| | |
| PARTE I | |
| <i>Estado da Arte, Metodologia e Teorização.....</i> | 17 |
| Procesos de formación de ciudades altomedievales en el norte peninsular..... | 19 |
| <i>J. Avelino Gutiérrez González</i> | |
| L'étude des petites villes médiévales en milieu de moyenne montagne. Quelques réflexions épistémologiques et méthodologiques à travers les historiographies de langues française et allemande..... | 87 |
| <i>Jean-Luc Fray</i> | |
| Pre-Modern Small Towns: Problems and Perspectives | 119 |
| <i>Peter Clark</i> | |

PARTE II

A Materialidade das Pequenas Cidades 141

Antes da vide e do castelo: arqueologia da Alta Idade Média no território de Castelo de Vide 143

Sara Prata, Fabián Cuesta-Gómez

Restos materiales del papel de Algeciras en la conquista almorávide de al-Andalus..... 161

María Marcos Cobaleda

La alcazaba y la ciudad de Guadix (Granada). Perspectivas desde la Arqueología de la Arquitectura 177

Jorge Rouco Collazo

O registo arqueológico de um centro urbano periférico do Médio Tejo: Torres Novas, séculos XII-XIV..... 197

Marco Liberato, Helena Santos

PARTE III

A Organização do Espaço nas Pequenas Cidades 213

Configuración urbanística y edilicia de una ciudad de segundo rango del Suroeste de Castilla: el caso de Niebla (Huelva) en la Baja Edad Media 215

Enrique Infante Limón

La forma urbana de Cuéllar y Sepúlveda, dos ciudades fortaleza de frontera en Castilla..... 233

José Miguel Remolina Seivane

Sociedad y conformación urbanística en la Alta Extremadura (siglos XIV-XVI): los trazados de Cáceres y Valencia de Alcántara..... 255

Julián Clemente Ramos, Luis Vicente Clemente Quijada

The 3D reconstruction of a medieval city: the example of Senlis (Northern France) 271

Mathieu Lejeune, Eduard Antaluca, Fabien Lamarque, Jean-Louis Batoz

PARTE IV

***As Funções Económicas das Pequenas Cidades*.....285**

Caracterização e funcionalidade de um porto atlântico em finais da Idade Média: o exemplo de Cascais287

Marco Oliveira Borges

¿Una pequeña villa costera medieval con escasa proyección marítima? Reflexiones en torno a la economía de Orio (Gipuzkoa) a fines de la Edad Media..... 317

Iago Irixoa Cortés

Pescadores, mulateros y mercaderes de los puertos cantábricos: la distribución del pescado irlandés en el norte de Castilla a finales de la Edad Media? 341

Javier Añibarro Rodríguez

PARTE V

***O Domínio Régio e Senhorial sobre as Pequenas Cidades*..... 357**

Covilhã e Castelo Branco – Duas vilas medievais do Interior Beirão..... 359

Maria da Graça A. S. Vicente

El trato documental de los Trastámara castellanos con sus reales sitios 373

Nicolás Ávila Seoane

Las villas del triángulo trastámara y la corte de los reyes durante el siglo XV 399

Óscar López Gómez

A gestão do património urbano da Ordem Militar de Santiago em Setúbal no final do século XV: indícios de uma polarização regional?..... 419

Ana Cláudia Silveira

Hierarquias eclesíásticas em conflito na diocese de Coimbra: a dízima de São Pedro de Bruscos no século XIV443

Maria Amélia Álvaro de Campos

PARTE VI

Elites e Representações Políticas nas Pequenas Cidades 465

La estructura del poder de las élites andaluzas bajomedievales: Familiares, amigos y vecinos El caso de Jerez de la Frontera (España)..... 467

Enrique José Ruiz Pilares

Le grand essor culturel des petites villes. Le paysage urbain du Saint Empire entre la fin du Moyen Âge et le début des Temps Modernes..... 485

Gisela Naegle

Marthe et Marguerite, deux saintes patronnes de villes secondaires en Méditerranée (Provence-Toscane, XII^e-XV^e siècles)..... 513

Céline Perol

PARTE VII

Pequenas Cidades em Rede 529

Las actividades marítimas como foco de desarrollo de las pequeñas villas vascas en la Edad Media 531

Sergio Martínez

Coroa, as vilas e o mar: A rede urbana portuária do Algarve (1266-1325) 547

Gonçalo Melo da Silva

Les petites villes à l'ombre de Paris au XV^e siècle: hiérarchie et relations interurbaines dans la région parisienne 577

Pierre-Henri Guittonneau

Antes da vide e do castelo: arqueologia da Alta Idade Média no território de Castelo de Vide

Sara Prata¹, Fabián Cuesta-Gómez²

Resumo

O artigo centra-se no projecto de investigação em arqueologia PramCV que está a ser levado a cabo em Castelo de Vide com o objectivo de caracterizar a ocupação rural deste território durante a Alta Idade Média. Apresentamos o enquadramento, objectivos, metodologia e resultados prévios obtidos até ao momento.

Palavras-chave

Alta Idade Média; Arqueologia; Povoamento rural; Castelo de Vide.

¹ Universidade de Salamanca; Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. sara.m.prata@gmail.com

² Universidade de Salamanca; Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. jfabiancuesta@gmail.com

Before vide and the castle: archaeology from the Early Middle Ages in the Castelo de Vide territory

Abstract

The article focuses on the archaeological research project PramCV which is being carried out in Castelo de Vide aiming at the Early Medieval rural settlements in this territory. We present the research frame, goals, methodology and current findings.

Keywords

Early Middle Ages; field Archaeology; rural settlements; Castelo de Vide.

1. Introdução

Este artigo surge no âmbito do projecto de investigação PramCV – *Povoamento rural alto-medieval no território de Castelo de Vide* (2014-2017). Os dados obtidos no âmbito deste projecto dizem respeito aos primórdios da Alta Idade Média (ss. V-VIII) e são extremamente relevantes dada a escassez de informação sobre as comunidades rurais deste período em território português.

Se é verdade que tanto o enfoque como o espectro cronológico do projecto se desviam da temática deste livro, o facto de se tratar de um projecto sobre Castelo de Vide, e que conta com o apoio da sua Câmara Municipal e tem como instituição de acolhimento o Instituto de Estudos Medievais (IEM) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH/UNL) – organizadores deste volume – pareceu-nos motivação suficiente para introduzir o PramCV no debate científico.

Nesse sentido, tendo como objectivo caracterizar os processos diacrónicos de transformação do mundo rural neste território, é nossa intenção dar a conhecer o projecto em curso e enquadrar os dados obtidos até ao momento dentro das problemáticas actuais que norteiam investigações análogas.

2. Enquadramento e problemáticas

De forma a enquadrar a investigação em curso, mas sem pretensão de sermos exaustivos, apresentaremos um breve estado da questão relativo aos estudos de povoamento alto-medieval a nível peninsular.

Começamos por recordar que a maioria dos dados disponíveis sobre o período alto-medieval dizem respeito às áreas urbanas, palcos das grandes mudanças, e para as quais, geralmente, existe maior volume de informação disponível. Paralelamente, sobre o mundo rural, e principalmente para o período compreendido entre os séculos V e VIII, a informação é escassa e dispersa³. A maioria dos dados conhecidos remete para sítios de cronologia romana com ocupação tardia, como é o exemplo das *villae* cuja utilização se prolonga para além do final do império⁴. Outra perspectiva de análise que recebeu especial destaque são os espaços funerários deste período, habitualmente referidos na bibliografia como *necrópoles visigodas*. Ainda que nas agendas da investigação portuguesa, comparativamente com outros países europeus, a questão da adscrição étnica destes vestígios tenha tido menor importância, também aqui os espaços funerários deste período mereceram maior destaque que os espaços dos vivos⁵. Este aspecto é simultaneamente o reflexo e a consequência da escassa visibilidade dos espaços de habitat deste período que apenas recentemente começam a ser alvo de investigações específicas.

Afortunadamente, nas últimas décadas, o mundo rural alto-medieval tem conseguido um notável destaque dentro da investigação arqueológica a nível peninsular e europeu. As investigações sobre comunidades camponesas deste período mostram-nos um mosaico heterogéneo de expressões territoriais muito próprias, reivindicando a importância da análise de territórios específicos, a uma escala que se pode definir como microregional⁶.

Em Portugal, principalmente na região Norte e Centro, foram levadas a cabo várias teses de mestrado entre 1990 e 2010 que procuraram estabelecer redes de

³ TENTE, Catarina; CARVALHO, António Faustino – “Sepulturas e necrópoles alto-medievais na investigação portuguesa. Metodologias, problemáticas e perspetivas. In QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio, CASTELHANOS, Santiago (ed.) – *Identidad y etnicidad en Hispania Propuestas teóricas y cultura material en los siglos V-VIII*, 2015, pp. 125-144.

⁴ CARNEIRO, André – “Mudança e continuidade no povoamento rural no alto Alentejo durante a Antiguidade Tardia”. In d’ENCARNAÇÃO, José; LOPES, M.ª Conceição; CARVALHO, Pedro (ed.) – *A Lusitânia entre romanos e bárbaros*. Coimbra/Mangualde: FLUC, 2016, pp. 281-307. CHAVARRÍA ARNAU, Alexandra – *El final de las ‘villae’ en ‘Hispania’ (siglos IV-VII d.C.)*. Turnhout: Brepols, 2007.

⁵ TENTE, Catarina; CARVALHO, António Faustino – “Sepulturas e necrópoles...”, p. 125.

⁶ Como exemplo: FERNÁNDEZ MIER, Margarita *et alii* – “La formación de los paisajes agrarios del noroeste peninsular durante la Alta Edad Media (siglos V al XIII)”. *Debates de Arqueología Medieval* 3 (2013), pp. 359-374.

povoamento a partir da localização dos sepulcros rupestres⁷. Assumindo que as sepulturas se localizariam na imediação dos espaços dos vivos, estes trabalhos demonstraram uma tendência para o povoamento disperso, algo que se intuía desde os trabalhos pioneiros de M. Barroca⁸. Lamentavelmente, poucos destes trabalhos tiveram continuidade, e os seus contributos para a compreensão do mundo rural alto-medieval ficariam sempre condicionados pelas limitações inerentes aos dados de superfície.

Como excepção para o território português, e como referência metodológica, cabe-nos destacar o projecto de C. Tente no Alto Mondego⁹ e os seus trabalhos mais recentes no território de Viseu. É de referir também que nos últimos anos, sob a alçada desta investigadora e desde o IEM, têm sido levadas a cabo novas teses e projectos de investigação que procuram reverter esta tendência a nível nacional.

Não é, no entanto, difícil perceber o porquê das comunidades camponesas alto-medievais resultarem pouco atractivas enquanto temática de estudo. O contexto supra mencionado reforça importância da arqueologia como instrumento de análise, no entanto, a realização de projectos exige equipas de trabalho especializadas, apoio local e financiamento, condições muitas vezes difíceis de reunir.

Ao mesmo tempo, trata-se de registos arqueológicos muito particulares, normalmente associados a uma cultural material pouco expressivas. Muitos dos materiais de superfície alto-medievais recolhidos em prospecção são classificados cronologicamente como *indeterminada*, o que provoca uma sub-representação de sítios de habitat inventariados, algo que contrasta notavelmente com a presença frequente de sepulcros rupestres.

Por sua vez, os sepulcros rupestres como ferramenta de estudo apresentam as suas próprias dificuldades. Entre as principais destacamos que se trata de um fenómeno funerário muito generalizado geograficamente – surgindo por quase toda a Península Ibérica – e muito prolongado no tempo, estando documentado o uso destes sepulcros, pelo menos, entre os séculos V e XV¹⁰ (**Fig. 1**). Esta transversalidade cronológica e geográfica encerra manifestações bastante distintas, que podem expressar tanto iniciativas camponesas de vinculação ao seu território

⁷ BARROCA, Mário – “Sepulturas escavadas na rocha de Entre-Douro-E-Minho”. *Portugalia* 31-32 (2010-2011), pp. 115-182

⁸ Para uma revisão destes trabalhos pode-se consultar TENTE, Catarina – “A ocupação alto-medieval da encosta noroeste da Serra da Estrela”. *Trabalhos de Arqueologia* 47 (2007), pp. 64-67.

⁹ TENTE, Catarina – *Arqueologia Medieval Cristã no Alto Mondego, Ocupação e exploração do território nos séculos V a XI*. Lisboa: FCSH-UNL. 2010. Tese de Doutoramento.

¹⁰ TENTE, Catarina – *Arqueologia Medieval...* p. 415

imediatos¹¹ como processos mais tardios de centralização dos espaços rituais em torno de centros de culto¹².



Fig. 1 – Pormenor de duas sepulturas escavadas na rocha no sítio do Junçal (Santiago Maior, Castelo de Vide).

3. Castelo de Vide: arqueologia e território

O potencial do território de Castelo de Vide para estudos de povoamento reside na abundância de vestígios arqueológicos documentados para várias épocas e na heterogeneidade do seu território, que permite observar diferentes tipos de ocupação, em função das paisagens escolhidas, dentro de um leque cronológico abrangente.

Os vestígios arqueológicos alto-medievais em Castelo de Vide ganham especial protagonismo com os trabalhos de C. Rodrigues¹³ e D. Trindade¹⁴, que, através de trabalhos de prospecção, norteados pelas menções obtidas através de contactos com a população rural, identificam numerosos sítios dos quais destacamos as *sepulturas antropomórficas* e as necrópoles visigodas, constituídas

¹¹ RUBIO DÍEZ, Rubén – *Arqueología, paisaje y territorio post-romano. Las tumbas excavadas en roca en el occidente del Campo de Ciudad Rodrigo (Salamanca)*. Cidade Rodrigo: Centro de Estudios Mirobrigenses y Ayuntamiento de Ciudad Rodrigo, 2015. MARTÍN VISO, Iñaki – “Enterramientos, Memoria social y paisaje en la Alta Edad Media: Propuestas para un análisis de las tumbas excavadas en roca en el centro-oeste de la Península Ibérica”. *Zephyrus* 69 (2012), pp. 165-187.

¹² MARTÍN VISO, Iñaki, “Comunidades locales, lugares centrales y espacios funerarios en la Extremadura del Duero alto medieval las necrópolis de tumbas excavadas en roca alineadas”. *Anuario de Estudios Medievales* 46/2 (2016) pp. 859-898.

¹³ RODRIGUES, M.ª Conceição – *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre, 1975.

RODRIGUES, M.ª Conceição – *Sepulturas Medievais do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre, 1978.

¹⁴ TRINDADE, Diamantino – *Castelo de Vide: subsídios para o estudo da arqueologia medieval*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre, 1979.

por sepulturas de lajes. É o caso das necrópoles da Boa Morte e de Santo Amarinho, onde foi possível recuperar espólio funerário associado aos enterramentos¹⁵. Mais tarde, nos anos 80, O. Caeiro retoma os trabalhos na zona da necrópole Boa Morte, identificando uma estrutura habitacional contemporânea dos sepulcros¹⁶.

Paralelamente, em 1981, a Câmara Municipal cria um Grupo de Arqueologia que mais tarde se viria a estruturar na Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide (SACMCV). Ao longo dos anos 80 e 90 a Secção colabora com diferentes arqueólogos para escavações no concelho, levando também a cabo, de forma autónoma, importantes trabalhos de prospecção, estudo e restauro de materiais arqueológicos.

Os trabalhos de prospecção materializaram-se em documentos muito completos: relatórios de prospecção, fichas de sítio e inventário de espólio, onde se incluíram fotografias, desenhos arqueológicos e a implantação geográfica dos vestígios¹⁷. No contexto das iniciativas arqueológicas municipais desta época, deve-se destacar o rigor e a qualidade do trabalho produzido, bem como os resultados obtidos pela SACMCV.

Actualmente, a Secção continua em funcionamento, cooperando intensamente com o Gabinete de Turismo Municipal, e continuando a desenvolver actividades relacionadas com o património da vila e do seu território. A Secção tem também prestado apoio a investigadores interessados na história, arqueologia e património casteloidenses, contribuindo para a realização de vários livros, artigos científicos e teses académicas.

Uma consulta da documentação produzida nos anos 80 e 90 demonstrava a existência de muitos sepulcros rupestres neste território. Foi neste contexto que se iniciaram os trabalhos da co-autora em Castelo de Vide, dedicando-se, numa primeira fase, exclusivamente às manifestações funerárias¹⁸.

Tornou-se claro que as sepulturas escavadas na rocha se encontravam associados a vestígios de construção e materiais de superfície. Uma primeira análise destes sítios permite verificar uma implantação geográfica muito recorrente: zonas de vale, marcadas pela presença de pequenos cursos de água sazonais e associadas a zonas inundáveis, propícias ao crescimento de pastagens. Outro aspecto relevante é

¹⁵ RODRIGUES, M.ª Conceição – *Sepulturas Medievais...* Infelizmente, não existem relatórios nem informação específica quanto aos trabalhos realizados.

¹⁶ CAEIRO, José Olívio – *A Necrópole da Azinhaga da Boa Morte – Castelo de Vide* (I e II). Évora: Edição da Junta Distrital de Portalegre, 1984.

¹⁷ Os documentos produzidos oferecem também interpretações e adscrições cronológicas para os vestígios identificados bem como propostas de leitura para as redes de povoamento deste território nos diversos períodos cronológicos. A documentação produzida nos trabalhos dos anos 80 e 90 está inédita, mas encontra-se disponível para consulta no local.

¹⁸ PRATA, Sara – *As necrópoles alto-medievais da Serra de São Mamede (Concelhos de Castelo de Vide e Marvão)*. Lisboa: FCSH-UNL. 2012. Tese de Mestrado.

a presença de afloramentos graníticos onde frequentemente se identificam sepulcros rupestres¹⁹.

Actualmente, a grande maioria destes terrenos são de uso pecuário, normalmente para o pastoreio de gado bovino, utilização que tem contribuído enormemente para a preservação dos valores arqueológicos conservados no subsolo²⁰.

Em paralelo com as condições favoráveis do ponto de vista arqueológico, o interesse demonstrado pela administração municipal em apoiar uma nova fase de trabalhos arqueológicos foi fundamental para o desenvolvimento do projecto.

4. O projeto PramCV

O PramCV é um projecto de investigação plurianual em arqueologia (PIPA). O funcionamento dos projectos plurianuais em arqueologia está disposto na Circular n.º 1/2015²¹ da DGPC e enquadrado no Regulamento de Trabalhos Arqueológicos²². Estes projectos são avaliados por um painel de especialistas que atestam a adequação da equipa, da metodologia e do plano de trabalhos apresentados, para cumprir os objectivos propostos. Trata-se de uma forma garantir a idoneidade dos projectos e de salvaguardar o património arqueológico de acções não planeadas.

O objectivo central do PramCV é caracterizar a ocupação rural do território de Castelo de Vide durante a Alta Idade Média. Utilizando uma metodologia arqueológica, parte-se da obtenção de dados empíricos sobre o terreno que uma vez sistematizados e analisados, permitirão compreender os processos sociais, económicos e ideológicos desenvolvidos pelas comunidades camponesas. Para esse efeito, é necessário identificar os vestígios materiais associados a estruturas de habitat; áreas de exploração agropastoril, produção e armazenamento; espaços funerários e vias de comunicação²³.

¹⁹ Este tipo de implantação é característica dos sítios alto-medievais, veja-se RUBIO DíEZ, Rubén – *Arqueología, paisaje...* p. 134 e seguintes.

²⁰ Ainda que sejam poucos os casos, existem sítios arqueológicos identificados pela SACMCV onde posteriormente se documentou a destruição de vestígios devido a trabalhos agrícolas. Em alguns casos terá sido acidentalmente, noutros não tanto. Infelizmente persistem ideias equivocadas quanto às consequências que a presença deste tipo de valores podem trazer para os proprietários: acesso descontrolado de pessoas aos terrenos, insegurança para cultivos e animais, expropriações...

²¹ Disponível em www.patrimoniocultural.pt/static/data/patrimonio_arqueologico/projectodeinves-tigacao160.pdf [visita de: 01/12/2016].

²² Disponível em <https://dre.pt/application/conteudo/58728911> [visita de: 01/12/2016].

²³ CUESTA-GÓMEZ, Fabián *et alii* – “Projecto de investigação Povoamento rural alto-medieval no território de Castelo de Vide: bases metodológicas para a arqueologia dos espaços camponeses”. In COELHO, Inês Pinto *et alii* (ed.) – *Entre ciência e cultura: Da interdisciplinaridade à transversalidade da arqueologia. Actas das VIII Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica*. Lisboa: CHAM-FCSH/UNL-UAç e IEM-FCSH/UNL, 2016.

O espectro cronológico inicial do projecto foi estabelecido ante um pressuposto de larga diacronia, compreendendo o período entre a desarticulação do Império Romano do Ocidente e a formação do Reino de Portugal (séculos V e XII). Esta opção prendeu-se, fundamentalmente, com a adscrição cronológica atribuída ao fenómeno dos sepulcros rupestres em meio rural²⁴. Como veremos, os vestígios documentados até ao momento levaram-nos a repensar o intervalo de tempo para a nossa análise de povoamento rural.

Metodologicamente, o PramCV assenta em quatro pilares complementares: a prospecção arqueológica; a utilização de Sistemas de Informação Geográfica (SIG); as escavações arqueológicas; e estudos de cultura material e ecofatos.

Em paralelo com as actividades de investigação e a sua difusão em meio académico, o projecto tem também um componente importante de retorno social imediato, organizando iniciativas de divulgação direccionadas ao público geral²⁵. O PramCV funciona ainda como uma plataforma de formação avançada ao integrar alunos de Arqueologia da FCSH/UNL nos trabalhos de campo (**Fig. 2**).



Fig. 2 – Trabalhos de escavação no lagar do Junçal (Santiago Maior, Castelo de Vide).

5. Sobre a evidência arqueológica

Uma vez que os dados obtidos nos trabalhos de campo se encontram em fase de processamento, o nosso objectivo com este apartado é apresentar uma visão global dos resultados obtidos até ao momento e realizar uma primeira aproximação ao povoamento rural alto-medieval no território de Castelo de Vide.

²⁴ TENTE, C. – *Arqueologia Medieval Cristã...* p. 415.

²⁵ PRATA, Sara; CUESTA-GÓMEZ, Fabián – “Essa história também é minha: Arqueologia alto-medieval e divulgação científica no território de Castelo de Vide”. In COELHO, Inês Pinto (ed.) – *Entre ciência e cultura: Da interdisciplinaridade à transversalidade ...* <https://arqueopramcv.jimdo.com/>

Os principais trabalhos levados a cabo dizem respeito à revisão documental e bibliográfica; prospecção extensiva e relocalização de sítios arqueológicos; sondagens de diagnóstico e escavações em área; e estudos preliminares da componente artefactual.

No que respeita à revisão documental e à relocalização de sítios arqueológicos, estas actividades vieram confirmar o panorama que tínhamos definido no início do projecto. Uma revisão dos sítios identificados demonstrava a presença sistemática de sepulcros rupestres, associados a vestígios de possíveis estruturas de habitat, na forma de cerâmica de construção e derrubes pétreos visíveis em superfície, e ainda de edifícios produtivos, materializados em pesos de lagar.

Efectivamente, a associação entre as sepulturas escavadas na rocha e este tipo de vestígios já se tinha documentado previamente nos estudos sobre povoamento alto-medieval aos quais antes nos referimos. O problema para gerir estes dados obtidos nos trabalhos de prospecção mantinha-se: até que ponto se podia estabelecer uma relação de contemporaneidade entre as sepulturas e os demais vestígios antrópicos que lhes surgiam, aparentemente, associados²⁶?

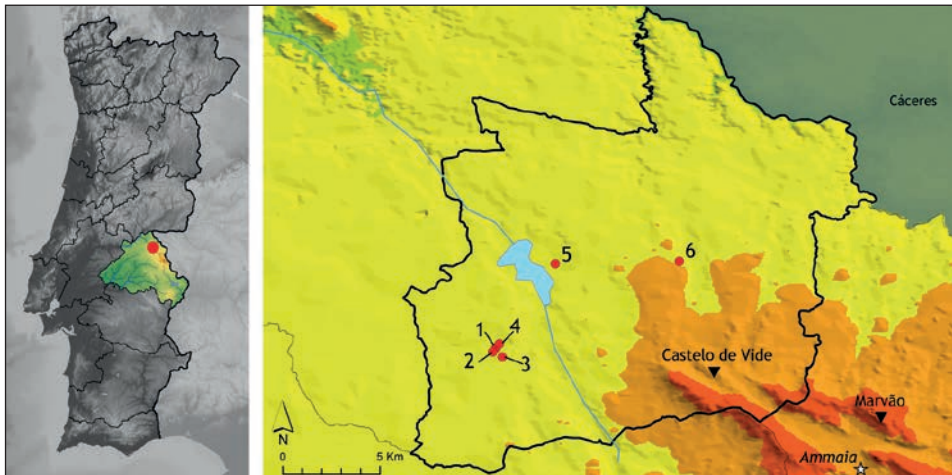


Fig. 3 – Integração regional do concelho de Castelo de Vide. Sítios arqueológicos intervencionados pelo PramCV. 1) Tapada das Guaritas I. 2) Tapada das Guaritas II. 3) Curral do Caras. 4) Tapada das Freiras. 5) Colegiada. 6) Junçal.

²⁶ São frequentes as explicações que associam estes vestígios a outras cronologias, normalmente anteriores, interpretando os fragmentos de cerâmica de cobertura como *imbrices* romanos, e os pesos de lagar como característicos da produção desse período, correspondendo os sepulcros rupestres a, na melhor das hipóteses, uma reocupação de um espaço já em uso no período anterior. A própria co-autora se revê nestas afirmações prematuras (PRATA, Sara – *As necrópoles...*).

É por este motivo que os dados mais inovadores aportados pelo PramCV correspondem aos trabalhos de escavação. Até ao momento, foram intervencionados seis sítios arqueológicos alto-medievais com a presença de estruturas associadas a sepulturas escavadas na rocha: Tapada das Guaritas (sectores I e II); Curral do Caras; Junçal; Tapada das Freiras e Colegiada (**Fig. 3**).

Estas escavações permitiram caracterizar espaços habitacionais e estruturas produtivas, nomeadamente, estruturas unifamiliares agro-pecuárias (como é o caso do sector I da Tapada das Guaritas, da sondagem 1 Tapada da Freiras e das estruturas identificadas na Colegiada), e lagares de azeite (exemplo do sector II da Tapada das Guaritas e da sondagem 1 do Junçal). Paralelamente, reconheceram-se indícios de actividades económicas: produção cerâmica; uso de forja; e processamento de cereais (**Figs. 4 e 5**).



Fig. 4 – Aspecto geral da estrutura habitacional intervencionada na Tapada das Guaritas I, sondagem 1 (São João Baptista, Castelo de Vide).



Fig. 5 – Lagar de prensa de parafuso, sondagem 1, sítio do Junçal (Santiago Maior, Castelo de Vide).

Relativamente às técnicas construtivas, tanto as estruturas domésticas como produtivas são elevadas recorrendo a muros de duplo paramento, realizando duas fileiras de blocos de granito de dimensão variada que são preenchidas por uma mistura de terra, pedra miúda e, em alguns casos, argamassas de cal. Nas coberturas são quase sempre utilizadas telhas de meia cana com profusas decorações incisadas ou digitadas (Fig. 6), por vezes combinadas com coberturas vegetais²⁷.



Fig. 6 – Revisão de cerâmicas de cobertura na estrutura habitacional da Tapada das Freiras (São João Baptista, Castelo de Vide).

Esta homogeneidade transparece também na cultural material, tanto nos materiais de construção como nas peças de uso doméstico. Em linhas gerais, a cerâmica alto-medieval do território castelovidense pode-se descrever como uma produção local com um repertório formal bastante limitado. A tipologia de fabrico mais frequente é o torno lento, utilizando pastas com elementos não plásticos de matriz granítica (micas, quartzitos e feldspatos) de grande dimensão, observáveis macroscopicamente. As cozeduras são realizadas em ambientes pouco controlados, dando origem a peças de coloração quase sempre heterogénea. Em relação às decorações, são raros os exemplares que as apresentam e os motivos escassos e repetitivos: caneluras, e incisões de ondulados ou *zigzags*. Entre os trabalhos que esperamos vir a realizar encontram-se análises petrográficas que permitam melhor caracterizar os processos de fabrico das várias cerâmicas, e atestar com maior rigor o carácter local/regional destas produções.

²⁷ CUESTA-GÓMEZ, J. Fabián; PRATA, Sara; RAMOS, Tiago – “Empezar la casa por el tejado: las cerâmicas de cobertura en los contextos altomedievales del territorio de Castelo de Vide (Portugal)”. In *Actas del I Congreso Internacional de Ceramica altomedieval (Zamora)*. [no prelo].

Quanto aos ecofactos, escassas amostras recolhidas e analisadas sugerem alguns aspectos interessantes do ponto de vista paleoambiental²⁸, por exemplo, no lagar do Junçal foram identificados vestígios de oliveira (*olea europaea*) reforçando que se trata de uma prensa de azeite²⁹. O aspecto mais relevante foi a recolha de duas amostras de carvão sobre o primeiro nível de derrube do lagar do sector II da Tapada das Guaritas das quais se obtiveram duas datações absolutas (¹⁴C) que permitiram determinar que esta estrutura se abandonou entre o final do século VII e o primeiro terço do século VIII.

Parece-nos possível apontar esta data como o momento em que se abandonam os sítios rurais alto-medievais no território de Castelo de Vide. As motivações que possam estar na origem desse abandono, bem como, por outro lado, o momento em que se constroem e começam a ocupar estas estruturas, encontram-se entre as perguntas por responder que norteiam a presente investigação.

6. Resultados preliminares e vias de investigação

Em relação à metodologia aplicada, os dados obtidos no território de Castelo de Vide permitem-nos reafirmar as sepulturas escavadas na rocha como uma ferramenta válida para caracterizar o povoamento alto-medieval. A ocupação que se começa agora a definir parece assentar em pequenas estruturas unifamiliares, do tipo granja ou casal, com usos agro-pecuários. As estruturas de habitat surgem em paralelo com espaços produtivos, os lagares, e em ambos casos a sua associação aos sepulcros rupestres parece evidente.

Todas as estruturas escavadas apresentam um comportamento estratigráfico homogéneo, exibindo apenas uma fase de ocupação e um abandono aparentemente voluntário³⁰.

Para completar o quadro da rede de povoamento alto-medieval são necessários trabalhos adicionais de prospecção para preencher os vazios que se mantêm em algumas áreas menos trabalhadas do concelho.

No entanto, um aspecto que parece claro é a existência de duas vias principais em torno das quais se articula o povoamento rural de época alto-medieval: um eixo E-O que atravessa a área de Vale de Galegos (onde se encontram os sítios da

²⁸ Agradecemos à Patrícia Monteiro que tem estado a realizar a identificação das espécies representadas nos carvões recolhidos.

²⁹ As prensas com sistema de parafuso estão também documentadas para usos vinícolas. PEÑA CERVANTES, Yolanda – *Torcularia: la producción de vino y aceite en Hispania*. Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica, 2010.

³⁰ Fazemos esta afirmação com base na ausência de episódios destrutivos (i.e. incêndios) que pudessem sugerir um abandono forçado.

Tapada das Guaritas, Tapada das Freiras e o Curral do Caras) e outro eixo N-S que atravessa o concelho à altura da actual Barragem de Póvoa e Meadas, onde se encontra a Colegiada, e numerosos outros sítios encobertos pelas suas águas. É tentador sugerir que estamos perante vias fósseis. Efectivamente, o referido eixo E-O manteve-se em funcionamento em época pleno medieval e até muito recentemente, sendo a principal ligação em Alpalhão e Castelo de Vide.

Sobre esta questão, será importante analisar a relação dos sítios alto-medievais com a ocupação anterior deste território. É fundamental perceber a relação que os novos sítios rurais tiveram com as estruturas romanas pré-existentes (as vias, mas também os *vici* e as *villae*). No entanto, quando comparado com a quantidade de sítios alto-medievais conhecidos, parece haver uma fraca representação dos sítios romanos. Efectivamente, o povoamento rural romano neste território tem sido analisado desde perspectivas mais abrangentes³¹ pelo que, embora existam dados suficientes para intuir o povoamento dessa cronologia, o estudo do funcionamento deste território rural em época romana à escala microregional está por fazer. Outro dado importante neste contexto é a proximidade com a cidade romana *Ammaia* (S. Salvador da Aramenha, Marvão), a escassos 4,5 km em linha recta desde o limite Sudeste do concelho. O actual território de Castelo de Vide inserir-se-ia, necessariamente, no seu espaço periurbano e seria fundamental compreender os processos de transformação da cidade após a desarticulação das estruturas imperiais, bem como o papel que o seu espaço rural desempenhou nos séculos seguintes³². Estamos seguros que os trabalhos futuros permitirão colmatar vazios no mapa, e contribuir para melhor compreender o povoamento rural deste território em ambas épocas.

Voltamos por fim à questão do espectro cronológico, tomando como referências os sítios alto-medievais escavados. Considerando a dimensão e implantação dos sítios, as técnicas constitutivas empregues e a cultura material somos levados a situar a criação dos sítios rurais alto-medievais num momento inserido no século V e seguintes. Quanto ao abandono, guiando-nos pelas datações absolutas obtidas e o comportamento homogéneo dos sítios intervencionados, colocamo-lo em finais do século VII, princípios do século VIII. Ainda assim, continuamos a trabalhar com uma margem de segurança.

Efectivamente, três séculos é um intervalo de tempo demasiado amplo para uma ocupação que parece baseada em pequenas unidades agrárias com utilizações breves. Esperamos que trabalhos em curso, especialmente no que respeita os

³¹ Veja-se CARNEIRO, André – *Mudança e continuidade...* e a bibliografia associada.

³² Naturalmente, os trabalhos arqueológicos levados a cabo na cidade norteiam-se pela compreensão do seu funcionamento em época romana. A informação publicada sobre a *Ammaia* dos séculos V em diante é escassa.

estudos de cultura material, nos ajudem a precisar as relações, de sincronia e diacronia, plasmadas nesta paisagem rural.

7. Considerações finais

Para o PramCV, um próximo passo será introduzir os dados obtidos no debate académico internacional sobre estas temáticas, com o objectivo de entender esta realidade local à escala da Península Ibérica, comparando os processos detectados com outras regiões análogas e interpretando as dinâmicas detectadas à luz de processos históricos de maior envergadura.

Voltando ao tema deste Livro, desde o ponto de vista de arqueologia rural alto-medieval, como vimos, temos pouco a contribuir. Não existe de momento informação relativa a sítios rurais que estejam em uso para além do século VIII, sendo generosos. Seria interessante poder desenhar o panorama imediatamente anterior à centralização do povoamento em torno da vila, e compreender também o funcionamento do espaço rural associado ao burgo pleno medieval, algo que, de momento, ainda não é possível.

Cabe-nos ressaltar, no entanto, que ainda que o povoamento centralizado seja um processo tardio em Castelo de Vide, isso não quer dizer que o espaço da actual vila não se encontrasse ocupado em épocas anteriores. Efectivamente, conhecem-se alguns casos de sepulcros rupestres inéditos no seu entorno imediato, que sugerem que parte desta zona se encontrasse em uso no período alto-medieval. Para compreender melhor a evolução do povoamento na área da vila haverá que começar por uma revisão cuidada dos materiais em depósito, fruto de trabalhos de arqueologia urbana. Esta pode ser uma maneira de conseguir realizar uma análise diacrónica e conseguir pontos de contacto entre a área urbana e o seu entorno rural.

BIBLIOGRAFIA

- BARROCA, Mário – “Sepulturas escavadas na rocha de Entre-Douro-E-Minho”. *Portugalia* 31-32 (2010-2011), pp. 115-182.
- CAEIRO, José Olívio – *A Necrópole da Azinhaga da Boa Morte – Castelo de Vide (I e II)*. Évora: Edição da Junta Distrital de Portalegre, 1984.
- CARNEIRO, André – “Mudança e continuidade no povoamento rural no alto Alentejo durante a Antiguidade Tardia”. In d’ENCARNAÇÃO, José; LOPES, M.^a Conceição; CARVALHO, Pedro (ed.) – *A Lusitânia entre romanos e bárbaros*. Coimbra/Mangualde: FLUC, 2016, pp. 281-307.
- CHAVARRÍA ARNAU, Alexandra – *El final de las ‘villae’ en ‘Hispania’ (siglos IV-VII d.C.)*. Turnhout: Brepols, 2007.
- CUESTA-GÓMEZ, Fabián *et alii* – “Projecto de investigação Povoamento rural alto-medieval no território de Castelo de Vide: bases metodológicas para a arqueologia dos espaços camponeses”. In COELHO, Inês Pinto *et alii* (ed.) – *Entre ciência e cultura: Da interdisciplinaridade à transversalidade da arqueologia. Actas das VIII Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica*. Lisboa: CHAM-FCSH/UNL-UAç e IEM-FCSH/UNL, 2016.
- CUESTA-GÓMEZ, J. Fabián; PRATA, Sara; RAMOS, Tiago – “Empezar la casa por el tejado: las cerámicas de cobertura en los contextos altomedievales del territorio de Castelo de Vide (Portugal)”. In *Actas del I Congreso Internacional de Cerámica altomedieval (Zamora)*. [no prelo]
- FERNÁNDEZ MIER, Margarita *et alii* – “La formación de los paisajes agrarios del noroeste peninsular durante la Alta Edad Media (siglos V al XIII)”. *Debates de Arqueología Medieval* 3 (2013), pp. 359-374.
- MARTÍN VISO, Iñaki – “Enterramientos, Memoria social y paisaje en la Alta Edad Media: Propuestas para un análisis de las tumbas escavadas en roca en el centro-oeste de la Península Ibérica”. *Zephyrus* 69 (2012), pp. 165-187.
- MARTÍN VISO, Iñaki – “Comunidades locais, lugares centrais e espaços funerarios en la Extremadura del Duero alto medieval las necrópolis de tumbas escavadas en roca alineadas”. *Anuario de Estudios Medievales* 46/2 (2016), pp. 859-898.

- PEÑA CERVANTES, Yolanda – *Torcularia: la producción de vino y aceite en Hispania*. Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica, 2010.
- PRATA, Sara – *As necrópoles alto-medievais da Serra de São Mamede (Concelhos de Castelo de Vide e Marvão)*. Lisboa: FCSH/UNL. 2012. Tese de Mestrado.
- PRATA, Sara – “Espaços funerários alto-medievais no Norte da Serra de São Mamede (Portalegre, Portugal): uma proposta de organização espacial”. *Arkeogazte* 4 (2014) pp. 261-279.
- PRATA, Sara; CUESTA-GÓMEZ, Fabián – “Essa história também é minha: Arqueologia alto-medieval e divulgação científica no território de Castelo de Vide”. In COELHO, Inês Pinto *et alii* (ed.) – *Entre ciência e cultura: Da interdisciplinaridade à transversalidade da arqueologia. Actas das VIII Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica*. Lisboa: CHAM-FCSH/UNL-UAç e IEM-FCSH/UNL. 2016.
- QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio – *El poblamiento rural de época visigoda en Hispania. Arqueología del campesinado en el interior peninsular*. Bilbao: Universidad del País Vasco, 2013.
- RODRIGUES, M.^a Conceição – *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre, 1975.
- RODRIGUES, M.^a Conceição – *Sepulturas Medievais do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre, 1978.
- RUBIO DÍEZ, Rubén – *Arqueología, paisaje y territorio post-romano. Las tumbas excavadas en roca en el occidente del Campo de Ciudad Rodrigo (Salamanca)*. Cidade Rodrigo: Centro de Estudios Mirobrigenses y Ayuntamiento de Ciudad Rodrigo, 2015.
- TENTE, Catarina – “Tumbas rupestres en el Alto Mondego (Guarda, Portugal). Patrones de distribución, significados y construcción del paisaje rural altomedieval”. *Munibe – Antropologia-Arkeologia* 66 (2015), pp. 271-290.
- TENTE, Catarina – *Arqueologia Medieval Cristã no Alto Mondego, Ocupação e exploração do território nos séculos V a XI*. Lisboa: FCSH/UNL. 2010. Tese de Doutoramento.

TENTE, Catarina – “A ocupação alto-medieval da encosta noroeste da Serra da Estrela”. *Trabalhos de Arqueologia* 47 (2007).

TENTE, Catarina; CARVALHO, António Faustino – “Sepulturas e necrópoles alto-medievais na investigação portuguesa. Metodologías, problemáticas e perspetivas”. In QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio; CASTELHANOS, Santiago (ed.) – *Identidad y etnicidad en Hispania Propuestas teóricas y cultura material en los siglos V-VIII*, 2015, pp. 125-144.

TRINDADE, Diamantino – *Castelo de Vide: subsídios para o Estudo da arqueologia medieval*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre, 1979.

Os textos iniciais, a cargo de grandes especialistas que impulsionaram e têm vindo a desenvolver os estudos comparativos sobre este objecto de estudo, traçam o estado da arte, apresentam metodologias e lançam pistas de interpretação. De seguida, o percurso por alguns centros urbanos europeus de média e pequena dimensão privilegia múltiplos olhares, focados quer na sua materialidade, na organização do espaço, nas funções económicas, no domínio jurisdicional, nas suas elites (incluindo as representações que estas constroem) e, finalmente, nos fluxos em que se integram.

Esta multiplicidade de olhares é devida não apenas às diferentes matérias abordadas – expressas nas categorias em que o volume se estrutura – mas também à diversa formação científica dos autores, à alargada cronologia das análises realizadas e à relativa abrangência geográfica considerada. Com efeito, os textos são produzidos por arqueólogos, historiadores, historiadores de arte e urbanistas, o período considerado estende-se desde a Alta Idade Média ao início dos Tempos Modernos e os centros urbanos examinados localizam-se, essencialmente, na Península Ibérica e em França.

Adelaide Millán da Costa, Amélia Aguiar Andrade, Catarina Tente, Apresentação

Apoio:

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

